

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO IX



COIMBRA / 1960

B I B L I O G R A F I A

JOÃO DE BARROS, *Diálogo em louvor da nossa linguagem*. Leitora critica didirezione del 1540, con una introduzione su *La questione della lingua in Portogallo*, a cura di (Luciana Stegagno Picchio— (Società Tipografica Editrice Modenese. Modena, 1959. 1 voi., in 8.º, 127 pp..

O Istituto di Filologia Romanza da Universidade de Roma publicou, na coli seção *Testi e Manuali*, mais um volume consagrado à literatura portuguesa. A Autora, Luciana Stegagno Picchio, (Professora da Universidade de Pisa, ao editar a pequena mas preciosa obra de João de Barros, o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, prestou um novo e valioso serviço à nossa cultura.

A edição está enriquecida com um longo e erudito lensaio sobre *la questione della lingua in Portogallo* (dividido em três partes: *Vesperienza médiévale* (págs. 5-12) ; *la «questione della lingua» nel Cinquecento portoghese* (págs. 112-142); *la «questione della lingua nel Seicento e nel Settecento* (42-5(4), uma notícia sobre *João de Barros storico e grammatico* (págs 57-04) e um *commento al testo* (págs. 911-107) O).

Pazia sentir-se a falta de uma edição, com leitura critica, do *Diálogo em louvor da nossa linguagem* visto que a 3.ª (1917; 19145), de Luciano Pereira da Silva, lamentavelmente repetiu os erros da segunda (1785). Tantos foram os defeitos da *Compilação* que inseriu o *Diálogo* a que nos referimos que J. IL de Freitas publicou em 1830, tem •Coimbra, a *Errata para servir Ide apperidix á «Compilação de várias obras do insigne João de Barros...» «com nada menos que cento e septenta e tres erros»* (²).

(¹) O texto do *Diálogo*, precedido de uma nota sobre o critério da presente edição (págs. 65/68), está publicado a págs. 69-90.

(²) No testemunho de Inocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographic Portuêz*, voi. 3.º, pág. 3211; voi. 4.º pág. 87. Inocencio atribui a

A Autora da presente lição utilizou o texto de um exemplar de 1540 existente na Biblioteca da Ajuda, de (Lisboa, e apresentou-nos, com pequenas modificações tendentes a facilitar a leitura moderna e a corrigir os primitivos erros de tipografia, o texto da edição *princeps* ortografado de acordo com as normas expostas pelo próprio autor na *Gramática da língua portuguesa* (1540).

O *Diálogo* é, a um tempo, um *louvor da nossa linguagem* e uma fonte importante para o estudo da História da Pedagogia em Portugal. Vale a pena lembrar que a edição de Luciano Pereira da Silva era «principalmente destinada aos alunos da cadeira de História da Pedagogia»⁽³⁾ e que a presente, de Luciana Picchio, foi publicada numa colecção cujo objectivo precípua é oferecer «una serie di «Testi romanzi» per uso delle scuole universi tarie».

A A., com o intuito dos alunos italianos tomarem contacto com o Homem e a Obra, apresenta, em *João de Barros storico e grammatico*, alguns traços biográficos do pontífice dos nossos clássicos de Quinhentos e uma síntese da vasta actividade literária de João de Barros.

Aqueles que pretendem, ainda hoje, ver um pouco clara a biografia do autor da *Ásia* têm forçosamente de recorrer, como a A., aos trabalhos de Manuel -Severim de Faria e António Baião. 'Não admira, por isso, que se continue a afirmar que nasceu *provável - mente* tem Viseu, *por volta de 1496* e que era filho natural de

Joaquim Ignacio de Freitas a *Errata*, que não conseguimos ver, (-não existe nos catálogos da B. U. C.) e apresenta a seguinte descrição segundo um exemplar que diz possuir: «Errata para servir de appendix á «Compilação die várias obras do insigne João de Barros, reimpressas em beneficio pú'blico pelos monges da real Cartuxa die Évora» -publicada por egual motivo pelo auctor do iSupplemento e errata á «Descri-pção do reino de Portugal por O. IN. do Leão» etc., etc.. Coimbra, na R. Imp. da Universidade 1830, <8.º de 16 pág.» (vofl. 4.º, pág. 87).

iS-tegagno Picchio, não obstante, afirma que o autor da Errata é *J. J. da Costa*)(pág. 65).

⁽³⁾ A terceira edição, como escreveu Luciano Pereira da Silva, «conforme à 2.ª edição, feita em 1785 pelos Monges da Cartuxa de Évora da qual existe um exemplar na Biblioteca da Universidade de Coimbra, não havendo lá nenhum da edição princeps de 1540, é principalmente destinada -aos alunos da cadeira de História da Pedagogia». Em *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Vol. IV, 1917, pág. 122.

Lopo de Barros, corregedor de *entre Tejo e Odiana e alemo-diana* (4).

Ao aflorar a obra de João de Barros o Grande, Luciana Stegagno Picchio deixa em suspenso problemas cuja tentativa de solução ultrapassava o objectivo que se propunha. 'Com eles, alguns lugares comuns que podiam ter sido abandonados.

A A. afirma que «il primitivo disegno delle *Décadas* compren-

(4) Diz textualmente a A.: *Nato provavelmente a Viseu nel 1496* (pág. 58). Não se pode afirmar que João de Barros nasceu em 1496 (o mesmo sentido do da A., v. g., em António José Saraiva, *O Humanismo em Portugal*, pág. 63, Lisboa, 1956, separata de *História da Cultura em Portugal*, vol. II; Silvério Abranches, *João de Barros, o das Décadas, nasceu em Viseu...*, na revista *Beira Alta*, ano 1945, págs. 48-55). Continuando a seguir o cômputo de Manuel Severim de Faria — alicerçado, aliás, em meras suposições — apenas é legítimo escrever que «nasceu João de Barros *pelos anos* de mil quatrocentos e noventa e seis» (M. S. de Faria, *Vida de João de Barros*, em *Clarimundo*, vol. I, pág. 14, ed. Sá da Costa, 1953). É nossa opinião que devia ter nascido alguns anos antes como já algures indicámos.

Quanto ao local de nascimento é comum hoje afirmar-se, seguindo A. Baião, que é não só possível, mas até provável, ter nascido em Viseu (João de Barros, *Décadas*, vol. I, pág. XIII, da ed. «Sá da Costa»; e *Introdução*, pág. VIII, da *Década I*, ed. 1932, Coimbra).

João de Barros foi *tesoriere delia* «Casa da índia» (pág. 57). (Em rigor, tesoureiro *do dinheiro* da Casa da índia. Pelo Regimento de 1509 as «Casas das índias e M^{na}» passaram a ter três tesoureiros: «hum Thezoureiro da Especçaria, e outro do dinheiro da venda delia, y outro da Caza de Guiné e da Minha» (*Regimento das Cazas das Índias e Mina*, pág. 3^a da ed. do Prof. Damião Peres, Coimbra, 1947). João de Barros foi, cumulativamente, «thesoureiro do dinheiro da casa da índia», «thesoureiro da casa da Mina» e «thesoureiro moor da casa da Ceita» (A. Baião, *Documentos Inéditos...*, Parte primeira, doc. n.º 1).

Barros casou com Maria de Almeida que, na expressão da A., lhe trouxe *ên dote* la casa di campagna di Ribeira de iLitém» (pág. 58). Geria oportuno e proveitoso que Luciana Stegagno Picchio tivesse indicado o documento que autoriza a sua afirmação. Como passou o domínio útil da quinta de S. Lourenço para João de Barros?

Outros problemas respeitantes à biografia do autor da *Ásia* esperam ainda solução definitiva. Foi-nos já possível pôr em evidência o nome da última filha que faltava identificar ((Lucrecia de Almeida, freira professa no mosteiro de San t^a An a de Leiria) e fazer algumas objecções quanto à primogenitura de Jerónimo de Barros. Tenha-se em conta que é o próprio Jerónimo de Barros a declarar que «seu irmão Antonjo de Barros mais velho de todos andando em tempo dei Rej Dom João o terceiro foy a Ceita quando lá foram os morgados» (A. Baião, *Documentos Inéditos...*, doc. n.º 44, 3.^a parte, pág. 153).

deva lo studio delle tre successive fasi che avevano caratterizzato l'espansão portuguesa: conquista (articulada in quattro parti: •Europa, Africa, Asia e Brasile); navigazione; commercio» (pág. 62). Em rigor, de acordo com a obra que se conhece, as *Décadas* (8)

>(5) A palavra *Década* não significa—como é comum afirmar—um período de dez anos, mas o conjunto de uma dezena de livros. As quatro *Décadas* não abrangem acontecimentos decorridos em quarenta anos.

No *Prólogo* geral às quatro *Décadas da Ásia*, inserto na *Década I*, explicita Barros que a sua *escritura* trata de um período de cento e vinte anos. Na *Década I*, L. I, pág. 14, indica que a *Ásia* começa no tempo do Infante D. Henrique e termina no ano de 1539. A mesma ideia se repete no *Prólogo* da quarta *Década*: «não descansamos até a ter arvorada [a bandeira dos triunfos da Pátria] à vista de todo Mundo nestas quatro (Décadas que he o discurso de cento e vinte annos de historia)».

O próprio João de Barros ensina-nos a interpretar o conceito de *Década* ao escrever que a *Ásia* «fenece ao presente no anno de mil e quinhentos e trinta e nove, onde acabamos de cerrar numero de *quarenta livros, que compõem quatro Décadas*, que quizemos tirar à luz por mostra do nosso trabalho, té que venha outro curso de annos, que seguirá a estes na mesma ordem de Decadas» (D. I, L. I, Cap. I, pág. 14; o número da pág. refere-se nesta e noutras citações à edição de 1777(7)).

A ideia de que *Década* implica um conjunto de dez livros exprimiua também, por diversas vezes, Manuel de Faria e Sousa, abreviador dos *quarenta livros ó quatro Decadas* de João de Barros (*Asia Portuguesa*, tomo I, *Prologo*, n.º 6, ed. de 1666; a ed. de 1945, vol. I, pág. 33, omitiu um pormenor importante). Assim, ao citar as fontes de que se serviu para a elaboração da terceira parte do vol. III da *Ásia Portuguesa*, escreveu: «un Tomo dd Bocarro, oy Cronista que escribió un Libro a que llama Decada, sin averie hecho de diez Libros» (*Asia Portuguesa, Advertencias*, 8, ed. de 1666). A mesma ideia, naquilo que agora nos importa, se encontra de novo na tábua dos *Libros, y otros varios Papeles* [...], no título dos *Manuscritos de lo tocante al Reyno*: «Decada XIII de Antonio Bocarro Cronista de la India aunque no dividida en diez libros como pide el Título» (*Asia Portuguesa*, tomo I, n.º 8 de *Manuscritos de lo tocante a la Asia, Africa, y America*, ed. de 1666; vol. I, pág. 48, da ed. de 1945; nesta, um novo erro).

*Se estes argumentos não bastassem podíamos ainda invocar o facto de João de Barros ser um humanista e ter meditado a Obra histórica de Tito Lívio. Ora a *História de Roma*, a par de outros critérios de edição, correu pelo menos desde os fins da Antiguidade em *Décadas*, isto é, em tomos de dez livros.

O próprio continuador da obra de Barros não entendia coisa diferente ao escrever que a história do Oriente a foi «continuando por Décadas por seguir a João de Barros» e que tinha «acabadas seis Décadas, as tres cumprindo o tempo de 28 annos, e nove governadores» (Diogo do Couto, *Ásia, Década IV, Epistola*, pág. XXXV, ed. de 177(8)).

serão apenas subdivisões de uma das partes da *universal história de Portugal*, a *Milícia*.

João de Barros, entre os historiadores de Quinhentos, foi o único a conceber uma história de todo o mundo português. O esquema desse ambicioso projecto apresentou-o na *Década I da Ásia* (L. I, C. I, 12). A «universal historia de Portugal» que se propôs •escrever dividiu-a em três partes correspondentes aos próprios títulos régios: *Milícia*, *Geografia* e *Comércio* (6).

A *Milícia*, porque a conquista se estendeu a todas as terras, subdividiu-a em *Europa*, *África*, *Ásia* e *Santa Cruz*. A *Europa* tinha por objecto a narração dos feitos de Portugal continental «começando do tempo, que os Romanos conquistaram Hespânia [...], e dahi viremos fazendo discurso per os tempos té o Conde D. Henrique, e per EIREY D. Afonso Henriques, e seus sucessores » (7). A *África* começava com a tomada de Ceuta (8). À ter-

(7) Em face destes termos de João de Barros não parece legítimo afirmar, Ásia, convém que saibamos como no titulo da Real Coroa destes Reynos se comprehendem tres cousas distinctas huma da outra, posto que entre si sejam correlativas, que huma não pode ser sem adjutorio da outra, comunicando-se pera sua conservação. A primeira he Conquista, a qual trata de Milícia; a segunda Navegação, a que responde a Geografia; e a terceira Commercio, que convém à Mercadoria» (D. I, L. I, C. I, 12-13). A mesma ideia na *Década IV, Apologia de João de Barros em lugar de Prólogo*: «porque as tres partes, em que consiste todo seu ser, estado e gloria, [da Coroa] ordenamos em outras tantas de escritura. A primeira (como no principio dissemos) he esta, que trata da Milícia; a segunda a Geografia do conquistado, e descuberto; e a terceira do Commercio, que he o fim das duas».

(8) Em face destes termos de João de Barros não parece legítimo afirmar, como anda divulgado em manuais de literatura, que a Europa tinha por objecto apenas a história de Portugal até à conquista do Algarve ou, segundo outros autores, até à primeira dinastia.

•(8) Tanto a *Europa* como a *África* foram principiadas. iFez parte da livraria dos Condes de Castelo Melhor «hum livro manuscripto da letra de João de Barros o grande, que contem a Africa Portuguesa, que elle hia compondo, e muitos apontamentos para a mesma Historia, e da Índia».

Neste manuscrito se encontrava, além de outras, a «Ascendencia, e Genealogia do Conde Dom Enrique Pay del Rey Dom Affonso Enriques de Portugal» {B. U. C., ms. '662, fis. 13'6-139; outra cópia no ms. 66*6, fis. 163-1'65) que devia destinar-se à *Europa*. (Conf. D. I, L. I, C. I, pág. 9, onde João de Barros, ao referir-se a Afonso Henriques, remete o leitor, num gesto que lhe é característico, para a respectiva parte da História de Portugal). Outras notas para a Europa talvez se pudessem colher num volume «hallado entre los papeies

ceira parte da Milícia chamou João de Barros *Ásia* «por tratar do descobrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente». *Santa Cruz* versaria os acontecimentos do Brasil desde o seu descobrimento ⁽⁹⁾. «Huma universal Geografia de todo o descuberto», em latim, respondia à Navegação ⁽¹⁰⁾. Completava a História de Portugal um tratado sobre o com'ércio ⁽ⁿ⁾.

iDestá vasta obra histórica, estruturada em pensamento ou delineada em rescunho, apenas chegou a publicar três *Décadas da Ásia*. Póstumamente, reformada por Lavanha, a *IV Década da Ásia*: mas aqui João de Barros não está presente em muitas páginas e o pensamento medular que orientou as primeiras *Décadas* foi desvirtuado.

Continua a A., dentro de uma longa tradição, a apodar João de Barros de cortesão e panegirista ⁽¹²⁾. É tempo de se estudar

de Juan de Barros», que Faria e Sousa consultou (F. e Sousa, *Ásia Portuguesa*, tomo I, *Manuscritos de lo Tocante al Rey no*, n.º 3'6, ed. de 1666). Da *África* foi conhecida uma *Década*: «viõse en la mano de D. Rodrigo de Cuña Arçobispo de Lisboa, y conocido por sus Escritos el año 1640» (*idem, idem, Manuscritos de lo tocante al Reyno*, m.º 81). À *África* se refere numa das suas m'nutas Jerónimo de Barros: «e Esta jstoria jmpresa [4.ª *Década*] tirará a luz o q seu pai deixa escrito da jstoria de africa se v. Magestade lho mandar» (A. Baião, *Documentos Inéditos...*, doc. 42, 3.ª parte). Quando publicou a *Década I* já João de Barros havia começado a *África* (Conf. D. I, L. I, Gap. UI, págs. 16-17 o Cap. XVI, pág. 133).

⁽⁹⁾ *Santa Cruz*, «porque assi chamamos em a nossa Geografia á terra do Brasil» (D. I, L. I, C. I, pág. 14). iNo esquema da sua «Universal História de Portugal» seria o último trabalho a realizar, embora tivesse o Brasil, onde era donatário, *mui vivo* na memória. i(D. I, L. VII, Gap. I, 20). Parece que não chegou a principiar as *Décadas de Santa Cruz*.

•Cerca de um século depois, conservando-se inédita a *História do Brasil* (1500-1627) de Fr. Vicente do Salvador, ainda não tinha surgido uma história de conjunto da terra de Santa Cruz. Esta insólita lacuna da historiografia portuguesa -levou os *Procuradores do Estado dos Povos*, nas Cortes de Lisboa de 1653, -a pedirem a D. João IV que mandasse escrever a história do «grãde, e dilatado, e rico Estado do Brasil».

⁽¹⁰⁾ Sobre a história do manuscrito colhem-se muitos dados nos já referidos *Documentos Inéditos...* que o editor aproveitou na *Déoadá I, Introdução*, Coimbra, 193'2.

O¹⁾ Aos «divros do nosso Commercio» se refere Barros: em: D. I, L. VI, C. IV, 41; D. III, L. II, C. I, 105 e 112-113; D. III, L. III, C. VII, 312; D.III, L. V, C. III, 53<7; D. III, L. VI, C. IV, 41.

i⁽¹²⁾ «Sebbene condizionato dalla sua posizione di cortigiano che gli impedisce robiettiva descrizione degli awenimenti e la loro valutazione in uno spirito

a obra deste *colosso della letteratura portoghese* (pág. 58) e banir as frases feitas. Barros, nas *Décadas*, não é panegirista: é um historiador. A *Ásia* é uma história, não uma série de anais, e por isso uma construção. Obedece a um plano, a um delineamento, que radica não na sua *posizione di cortigiano*, que não o foi, mas na sua atitude 'de humanista.

Ao historiarem o Império, os renascentistas portugueses retomaram as clássicas vias historiográficas. A História, na sua dimensão pragmática, continuou a ser *magistra vitae* tanto na pena de Barros ou de Góis, Castanheda ou Albuquerque, Couto ou Gaspar Correia, como mestra da vida havia já sido na obra de Fernão Lopes, de Zurara, de Fr. João Alvares, de Mateus Pisano, de Justo BaTdino ou de Rui de Pina.

Um historiador-pedagogo, mais do que qualquer outro, não pode prescindir de uma concepção do Homem e da Vida. João de Barros, por coerência e decisão metódica, postula que a História, a história-pragmática, escola de virtudes, seja mestra da vida — mas da vida justa e perfeita, daquela que apraz a Deus e aos homens. A História, nesta dimensão, é obra moral, é um exemplário e, por isso, construiu em intenção a arquétipos. Os modelos são os maiores, os sóis que tudo iluminam, os que, a um tempo, são nobres e militares. A *Ásia*, de propósito deliberado, trata apenas da *descoberta e conquista*. Colhendo em feitos de marinheiros e militares os *exemplos*, as *Dêcâdas* transformam-se, em mais de um local, numa narrativa heróica de exaltação patriótica.

Não é este o único mérito da *Ásia* e outras notas caracterizadoras implica o conceito *historiografia* na obra de Barros. A maioridade intelectual do autor das *Décadas* decorre dentro do apogeu do Renascimento em Portugal. Como humanista e burilador da língua que foi, soube, como poucos, apresentar verdades amargas — «a mais principal parte da História é a verdade dela» — nas doçuras de um estilo inconfundível. Longe iam os males do Oriente. Barros sentia-os como os outros, tanto ou mais do que os outros: o coração do Oriente, a Casa da Índia, pulsava por suas mãos. As *Décadas* chegam a apresentar violentas críticas ao próprio rei e Couto, em linguagem de *soldado prático*, mais do que uma vez exprime por

scevro da preoccupazioni panegiristiche, Barros costruiste nelle *Décadas* un monumento all'espansione portoghese...» (págs. 62-63).

outros termos os mesmos conceitos de Barros. O estudo comparado com os outros historiadores, nomeadamente os *oficiais*, um Góis ou um Couto; a análise da *Década* MU onde as incoerências nos dão ensinamentos preciosos; o exame, ñas *Décadas* ie nos documentos oficiais, das narrativas da *Ásia* e das expressões das chancelarias permite interpretações diferentes das que se encontram divulgadas e corrigir muitos erros (13).

João de Barros foi figura proeminente na República das (Letras de então: um dos seus triunviros. Tendo por supremo deleite do entendimento a especulação da verdade («principalmente ñas coisas que mais estão em opinião, que em fé»), não admira que se tenha servido, para sua formação, de algumas coordenadas do pensamento erasmiano.

O *erasmismo barrosiano* é um problema ainda em aberto. A *Ropicapneima*, com os diferentes modos de interpretação que as alegorias possibilitam, é um enigma. Do mesmo modo que sie podem justificar os argumentos do Tempo, da Vontade e do Entendimento através de citações de Erasmo, é possível fundamentá-las numa

(13) 'Só um exemplo. Escreveu Rodrigues Lapa que João de Barros, para a sua «concepção pouco inteiriça da verdade histórica, teria sido levado não só pela sua prudência de cortesão, mas ainda pelo seu instinto de humanista, que procurava dignidade nas atitudes dos seus heróis e evitava aquilo que os tomasse menos humanos. 'Assim [...] no relato dos feitos de Albuquerque e doutros, não menciona os rasgos de crueldade do vencedor, que matava mulheres e crianças e Cortava o nariz e as orelhas aos vencidos, — particularidades que o próprio filho do herói, Brás de Albuquerque, não tem dúvida em referir nos seus *Comentários*». (R. Lapa, *Historiadores Quinhentistas*, Prefácio, págs. VHII-IX. Lisboa, 1S42). Para refutar esta asserção basta abrir a *Década II* no L. III, iCap. V, pág. 158 e assistir à captura de algumas embarcações inimigas pelos que vigiavam, por ordem de Albuquerque, o abastecimento de Ormuz. Aos que nelas vinham «Cortaram os narizes, orelhas e mãos dos Mouros déliés, e postos em terra, entráram meios mortos pela cidade, que fazia um grande terror e espanto» (*D. II*, L. iII, Cap. V, 158; fis. 36 da edição de 1Ó28).

Referidas ao mesmo Albuquerque, que era *áspero na justiça*, outras narrativas semelhantes apresenta Barros. Entre elas, a da D. II, L. VII, Cap. V, pág. 207, onde nos informa, sem qualquer reбуço, que os arenegados, entregues com a condição do Governador lhes poupar a vida, «perderam as orelhas, narizes, mão direita e dedo pollegar da esquerda, que lhe Afonso de Albuquerque mandou cortar tanto que tomou para Goa». As *Décadas*, desde a primeira, estão repletas de exemplos semelhantes. Alguns deles, integrados na *política de amor e de temor*, são descritos de um modo tão realista, tão violentamente chocante, que incomodam. A sua interpretação não cabe no âmbito desta nota.

grande disparidade de documentação que regista a vida social da época.

Luciana Stegagno Picchio, que entende ser Bairros um *buon erasmista* (pág. 26), afirma que a *Ropicapneima* «sotto le spoglie di un'apologética delia fede cristiana ad uso dei *crístãos-novos*, fa tesoro *délia* lezione di Erasmo per una violenta satira sociale e religiosa» (pág. 59). Esta posição pode ser discutível num dos seus aspectos. Insustentável, porém, aquela onde afirma que «completa ideologicamente questo testo [a *Ropicapnefma*] il Panegirico di D. João III (pág. 59). Ousada nos parece também a afirmação de que o *Panegirico da Infanta D. Maria*, «ultimo barbaglio deirerasmismo barrosiano [...], suggella, già in pieno clima inquisitoriale, la fedeltà ad un'idea che con Erasmo aveva avuto la sua codificazione» (pág. 61).

As fontes dos *Panegiricos*, apoiados sobretudo na erudição da antiguidade clássica, não brotam da seiva erasmiana. A filosofia política que num se expõe pretende, de certo, educar príncipes perfeitos: mas a D. João III, «maravilhoso reformador da religião cristã», se destina. (No outro, a dissertação sobre princípios religiosos lé dirigida a uma Infanta que sabe ajoelhar-se «aos pés de um confessor, esquecida donde vem, muito lembrada para onde vai».

O *Comentário ao texto*, sobriamente traçado, apresenta por vezes notas curiosas. Conhecida a história das edições do presente *Diálogo* não admira que L. Pereira da Silva tivesse perfilhado o erro tipográfico da linha 222 (*limpa* em vez de *língua*).

Na *Bibliografia*, que não pretende ser exaustiva, deve assinalar-se um pequeno lapso: a última e completa edição da *Ásia*, feita pelo Prof. H. 'Cidade, foi publicada em quatro volumes e não em três como se declara (1945-1946 e 1948).